

DESIGNAÇÕES PARA A “PARTE DO CORPO DA MÃE COM QUE ELA AMAMENTA OS FILHOS”: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO E LÉXICO-SEMÂNTICO EM MATO GROSSO DO SUL (MS)

DESIGNATIONS FOR “PART OF MOTHER’S BODY WITH WHICH SHE BREASTFEEDS THE CHILDREN”: A GEOSOCIOLINGUISTIC AND LEXICAL-SEMANTIC STUDY IN MATO GROSSO DO SUL (MS)

Daniel Abud Marques Robbin | [Lattes](#) | danielabudmr@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Regiane Coelho Pereira Reis | [Lattes](#) | regiane.reis@ufms.br
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Suzana Vinicia Mancilla Barreda | [Lattes](#) | suzana.mancilla@ufms.br
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Propomos uma análise geossociolinguística e léxico-semântica da “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, a partir de dados cedidos pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), com sede regional em Campo Grande/MS. Ancorados em Cardoso e Mota (2013), sobre o percurso teórico-histórico da Dialectologia no Brasil e a utilização da Geolinguística Pluridimensional enquanto método, em Guérios (1979), sobre meios de substituição para tabus linguísticos, e também nas considerações de Pietroforte e Lopes (2017), a respeito da Semântica Lexical, buscamos analisar a produtividade lexical das variantes PEITO, SEIO e MAMA, apontadas pelos informantes das cidades do interior do estado do Mato Grosso do Sul, utilizadas como rede de pontos de inquéritos do Projeto ALiB. Após aferirmos a distribuição diatópica das variantes nessas cidades, investigamos os usos linguísticos a partir dos critérios diasssexual (sexo) e digeracional (idade dos informantes). Por fim, analisamos acepções para as unidades lexicais registradas nos dicionários gerais Caldas Aulete Digital, Michaelis Digital e Priberam Online, além do Manual de Semiologia Médica, de Porto (2005), dicionário terminológico da área da Medicina. Como resultados da pesquisa, verificamos a maior utilização de termos científicos e técnicos para nomear este referente no interior do estado do Mato Grosso do Sul. A análise léxico-semântica, por sua vez, nos permitiu identificar que a denominação PEITO, típica da oralidade, já se encontra dicionarizada.

Palavras-chave: Geossociolinguística; Semântica Lexical; ALiB; Mato Grosso do Sul. Corpo Humano.

Abstract: We propose a geosociolinguistic and lexical-semantic analysis of “the part of the mother’s body with which she breastfeeds the children”, based on data provided by the ALiB Project (Linguistic Atlas of Brazil), with regional headquarters in Campo Grande / MS. Anchored in the theoretical assumptions of Cardoso and Mota (2013), about the theoretical-historical path of Dialectology in Brazil and the use of Pluridimensional Geolinguistics as a method, by Guérios (1979), about means of substitution for linguistic taboos, and also in the considerations of Pietroforte and Lopes (2017), regarding Lexical Semantics, we seek to analyze the lexical productivity of the PEITO, SEIO and MAMA variants, pointed out by informants in the interior cities from the state of Mato Grosso do Sul, used as a network of survey points for the ALiB Project. After assessing the diatopic distribution of variants in these cities, we investigated the linguistic uses based on the diasexual (sex) and diagerational (age of the informants) criteria. Finally, we analyze meanings for lexical units produced under the general dictionaries Caldas Aulete Digital, Michaelis Digital and Priberam Online, in addition to the Medical Semiology Manual, by Porto (2005), terminological dictionary in the field of Medicine. As a result of the research, we verified the greater use of scientific and technical terms to name this referent in the interior of the state of Mato Grosso do Sul. The lexical-semantic analysis, on the other hand, indicates that the name PEITO, typical of orality, has already been stated in the dictionary.

Keywords: Geosociolinguistics; Lexical Semantics; ALiB; Mato Grosso do Sul; Físic Body.

INTRODUÇÃO

Para a compreensão deste trabalho, é importante ter em mente que a palavra¹, em seu sentido amplo, exterioriza a criatividade do falante, traduz o seu pensamento, enquanto o conhecimento do léxico da língua amplifica a base que possuímos em nossa cognição para a comunicação, trazendo ao nosso repertório linguístico maior precisão vocabular. Há uma rede implícita nesse processo, conectando as palavras da língua, sendo estas carregadas de particularidades identitárias de cada falante, traços que não só o representam como indivíduo, mas também são registros vivos de sua história, da cultura de seu povo, de tradições da sua comunidade. Léxico, tomando por base a definição de Biderman (1992, p. 399), é “o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade”.

¹ Temos conhecimento da intensa discussão entre os teóricos acerca da definição do termo palavra.

A partir dessa concepção, tem-se que o léxico da língua carrega marcas da história de um povo, peculiaridades geográficas e traços linguísticos e, por conseguinte, culturais, de distintas comunidades. Não obstante, como nossas visões de mundo estão impregnadas de crenças que configuram o nosso entorno, nada mais justo que o léxico de uma língua ser variável de acordo com critérios extralinguísticos, a saber, estrato social, contexto de uso, gênero, faixa etária, nível de escolarização; e critérios linguísticos, como a diacronia (evolução da língua no decorrer da história). Salienta-se que variação, nos estudos linguísticos, “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO, 2018, p. 16).

Sendo assim, este trabalho se situa no campo da Dialetologia, ramificação da ciência linguística, preocupada em estudar os diferentes falares de um povo, delimitados pelo seu espaço geográfico, pela cultura e pelo contexto social em que estão inseridos, através do método geolinguístico, o qual visa à produção de Atlas linguísticos, que “Além de consentir observações de caráter geral a respeito do funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam a vinculação entre a história linguística e os fatores geográficos e geopolíticos” (COSERIU, 1965, p. 13, tradução nossa) ².

O estudo em questão busca situar as escolhas lexicais feitas pelos falantes de diferentes regiões do interior do Mato Grosso do Sul, no processo de referenciar uma parte do corpo humano que ainda traz à tona certo tabu, a saber, a “parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), verificando, dessa forma, como o falante significa a realidade ao seu redor, a partir de suas crenças e do seu acervo lexical, além de analisar léxico-semânticamente as denominações produtivas que nomeiam este referente. Além disso, pretendemos contribuir com as pesquisas linguísticas desenvolvidas pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Cabe salientar que o artigo constitui pesquisa realizada em âmbito de iniciação científica voluntária (PIVIC), a partir de dados cedidos pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), do qual REIS, que orientou este trabalho, faz parte³. Inicialmente, será exposta a fundamentação teórica da pesquisa, partindo de uma contextualização sobre a relevância do Projeto ALiB, aliando, destarte, alguns conceitos como palavra, léxico e semântica

² “Además de consentir observaciones de carácter general acerca del funcionamiento del lenguaje como medio de intercomunicación social, revelan la vinculación entre la historia lingüística y los factores geográficos o geopolíticos” (COSERIU, 1965, p. 13).

³ Os dados, ora analisados, foram cedidos pela profa. Dra. Regiane Coelho Pereira Reis, pesquisadora do Projeto ALiB (Regional MS), quem orientou este Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC/UFMS) no período de agosto de 2018 a abril de 2019. Posteriormente, a Profa. Dra. Suzana Vinícia Mancilla Barreda assumiu a orientação do projeto.

aos de Dialetologia e Geolinguística enquanto método de investigação. Em seguida, seguindo a ótica léxico-semântica e geossociolinguística, analisaremos as designações para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, documentadas no interior do estado de Mato Grosso do Sul, nas cinco localidades selecionadas pelo Projeto ALiB, totalizando um número de 20 inquéritos gravados.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trataremos, neste tópico do trabalho, de situar o leitor acerca da localização de nossa pesquisa dentro dos estudos geossociolinguísticos, destacando ainda conceitos fundamentais para o entendimento de nossa análise, tais como: Léxico, Cultura, Identidade e Tabu.

Coseriu (1965, p. 6), ao destacar as relações que a linguagem pode desenvolver com o ambiente à sua volta, ressalta que são “[...] relações entre o ambiente geográfico e a difusão e distribuição espacial das formas linguísticas” (COSERIU, 1965, p. 6, tradução nossa)⁴, e isso evidencia uma complexa dinâmica das línguas que, apesar de possuírem um padrão que tende a ser seguido, também dispõem de diversas variantes, formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável – “o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata” (COELHO, 2018, p. 17) –, e que representam não somente modos distintos de falar, como também a identidade de um povo ou de uma cultura.

Centramos nosso estudo no âmbito da Dialetologia, e “É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Ora, se cada palavra segmenta visões particulares de mundo, e se levarmos em consideração que nossas influências variam de acordo com nossa bagagem de mundo, é válido delimitar que a língua varia em função de seu falante e da cultura à qual ele esteve exposto durante a maior parte de sua vivência. É fundamental ressaltar que

A cultura de uma sociedade é manifestada, principalmente, pela linguagem, à medida que, a partir de atos de comunicação do ser humano, é possível depreender condicionantes sociais e geográficos que o rodeiam. Assim, sociedade /cultura/ linguagem formam uma tríade capaz de traduzir aspectos das vivências do ser humano dentro de uma comunidade (NUNES; ISQUERDO, 2017, p. 72).

⁴ [...] relaciones entre el ambiente geográfico y la difusión y distribución espacial de las formas lingüísticas” (COSERIU, 1965, p. 6).

Cultura é um conceito diretamente atrelado à identidade, aquilo que caracteriza um sujeito ou um conjunto de indivíduos como pertencendo a determinado grupo.

Devido a questões culturais e às próprias diferenças nas experiências de vida, os falantes realizam escolhas lexicais dominados por suas crenças. “As palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização” (BIDERMAN, 1998, p. 88) e, por estarmos frequentemente categorizando pessoas, coisas e objetos, tendemos a associar a palavra ao objeto.

Alguns desses objetos são interditos, ou seja, as pessoas possuem receio em nomeá-los, já que “Se uma pessoa, coisa ou ato é interditado, o nome ou a palavra que se lhes refere, é o igualmente” (GUÉRIOS, 1979, p. 6), o que representa a necessidade de nos utilizarmos de nosso acervo vocabular para selecionar termos neutros, termos que possam substituir palavras interditas.

Antes de entrarmos na classificação dos substitutos de vocábulos tabu proposta por Guérios (1979), faz-se mister apresentarmos primeiramente o conceito de tabu, passando pela sua subdivisão entre próprios, referentes “aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça” e os impróprios, nosso objeto de estudo, “a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira” (GUÉRIOS, 1979, p. 5). Entre esses temas, falar sobre certas partes do corpo humano remete à imoralidade, ora por uma hiperssexualização de nossos corpos e de nossas vidas, ora por imaginários dominados por crenças e misticismos que reverberam em atitudes linguísticas reprimidas por parte dos falantes da língua.

Assim sendo, para que não se exprima qualquer disfemismo, expressão imoral ou grosseira, o falante busca neutralizar termos interditos por meio de substitutos, de sentido equivalente na língua. Conforme Guérios (1979), os termos que se utilizam como substitutos podem ser desde sinônimos, passando por expressões genéricas, hipocorísticos (expressões que denotam carinho), expressões no diminutivo (que denotam afetividade), deformações fonéticas para evitar a pronúncia do interdito e, ainda, termos científicos, dentre outros meios de neutralização do tabu. Ater-nos-emos, aqui, em dois meios de substituição recorrentes em nosso estudo: as expressões genéricas e os termos científicos.

A generalização implica a perda do efeito expressivo da especificidade da coisa nomeada, o que suaviza a carga semântica do que não se quer proferir. Por outro lado, o termo científico eufemiza o sentido negativo da palavra interdita, devido às relações sociais

que se interpõem entre o erudito e o grosseiro, o padrão e o vernáculo, o culto e o popular. Falar em termos propostos pela Academia soa menos agressivo que termos fixados na linguagem do povo, carregada de naturalidade, de verdade e de expressão, mas também sendo fruto de um meio social representativo de identidades periféricas ou marginalizadas, o que gera preconceito linguístico por parte do ouvinte e, logo, o desejo pela neutralidade de termos vindos das “camadas sociais mais baixas”.

Nas palavras de Pietroforte e Lopes (2017, p. 114), semântica é “o estudo sistemático do sentido nas línguas naturais”. E o léxico, na visão de Biderman (1992, p. 399), é testemunha de uma cultura, “o repertório lexical perpetua, pois, a herança cultural através de signos verbais”. Dessa maneira, investigando-se as palavras nos seus mais diversos e amplos sentidos, podemos significar não só a linguagem, mas os contextos de uso da língua e as identidades de cada grupo social. Cultura e identidade são indissociáveis. Os estudos geossociolinguísticos contribuem para que possamos entender melhor a dinâmica homem – linguagem – sociedade, visto que o homem significa o mundo através do léxico, especificamente das palavras, exprimindo, assim, seus valores e crenças, sua identidade e, ainda, relacionando-se com a sociedade por meio da comunicação.

Tendo em vista a importância dos estudos geossociolinguísticos, faz-se necessário traçar aqui um percurso histórico para entender melhor como se deram as bases para que os estudos dialetológicos no Brasil tomassem forma.

Os estudos dialetológicos em nosso país iniciaram a partir das contribuições de Domingos Borges de Barros (1826, *apud* CARDOSO; MOTA, 2013), o Visconde de Pedra Banca, para a obra *Introduction do Atlas Ethnographique du Globe*, realização de Adrien Balbi.

Segundo Cardoso e Mota (2013), que subdividem os estudos dialetológicos em nossa terra em quatro fases, as contribuições de Borges de Barros iniciam a primeira fase, de caráter estritamente lexicográfico, que perdurou entre 1826 e 1920, com a publicação de “O dialeto caipira” (1982 [1920]), de Amadeu Amaral, marco da segunda fase da Dialetologia no Brasil. Paralelo a isso, o francês Jules Gilliéron, no início do século 20, publica o *Atlas Linguistique de France*, evidenciando certo ineditismo em sua área de pesquisa, criando o método geolingüística e expandindo, destarte, a Dialetologia, que acaba por nortear-se pela Geolingüística.

A segunda fase da Dialetologia brasileira se dá entre 1920 e 1952, e a partir de *O dialeto caipira*, destaca-se o pioneirismo das pesquisas de campo, as quais denotam a realidade linguística brasileira, o que resulta em um caráter mais científico desse tipo de estudo. Também é dessa fase *O linguajar carioca*, de Nascentes (1953 [1922]), cuja contribuição se dá pela proposta de divisão do Brasil em regiões dialetais.

A década de 50 é marco da terceira fase dialetológica brasileira, a partir de um de-

creto do Governo, o de n.º 30.643, datado de 20/03/1952, que define uma meta para a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico Brasileiro. A partir daí, tem-se maior sistematização e rigor científico dos estudos dialetológicos.

Entre esse processo de amadurecimento, Nascentes (1958) produz uma obra que estabelece as Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil; mas, devido à escassez e à precariedade de dados concretos, e também à extensão territorial de nossa nação, a execução do projeto acaba engavetado por anos.

Optou-se, então, por iniciativas específicas, regionais, que pudessem contribuir a longo prazo para a elaboração desse atlas nacional. Nelson Rossi, com o auxílio de Ferreira e Isensee, em 1963, publica o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. A partir daí, com iniciativas parecidas em Sergipe, Minas Gerais, Paraíba e Paraná, surgem os primeiros atlas linguísticos regionais.

Na década de 90, no Brasil, percebeu-se a carência de estudos que traduzissem a nossa realidade linguística enquanto nação e notou-se que era o momento para retomar a produção do atlas nacional. Eis que surge, então, o projeto da criação de um atlas linguístico do Brasil, a partir de um seminário intitulado *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em 1996 (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 858). Esse evento inaugura a quarta fase da Dialetologia no Brasil, marcada pela

Incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da segunda metade do século passado, levando a percorrer um caminho pluridimensional e abandonando, assim, a visão monodimensional que predominou na Geolinguística que se costuma denominar, hoje, de 'tradicional' (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 128).

No Quadro 01, é possível visualizar a síntese do percurso exposto pelas autoras:

Quadro 01: Percurso histórico dos estudos dialetológicos no Brasil.

Anos	Fases da Dialetologia no Brasil			
	1ª fase (1826-1920)	2ª fase (1920-1952)	3ª fase (1952-1996)	4ª fase (1996-atual)
Marco Inicial	Contribuição de Domingos Borges de Barros no "Introduction" do "Atlas Ethnographique du Globe", de Adrien Balbi.	Publicação de "O dialeto caipira", de Amadeu Amaral.	Definição de uma meta para a Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, a elaboração do Atlas Linguístico Brasileiro.	Seminário "Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil", que inspira a elaboração do Projeto ALiB.

Característica	Fase de caráter estritamente lexicográfico.	Destaca-se o pioneirismo das pesquisas de campo, principalmente por parte de Amadeu Amaral e Antenor Nascentes.	Fase marcada por iniciativas de elaboração de atlas regionais, como nos estados de Sergipe, Minas Gerais, Paraíba e no Paraná.	A principal característica é a adoção do método pluridimensional em pesquisas geolinguísticas.
-----------------------	---	---	--	--

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Cardoso e Mota (2013).

Ainda sobre a questão da Dialetolegia monodimensional, é interessante entendermos melhor o que essa evolução do método supracitado representa. Inicialmente, o caráter majoritariamente diatópico dos estudos dialetológicos reverberava na utilização do método geolinguístico, que analisava a variação por meio de apenas um critério, o espaço em que o falante se inseria (variação diatópica).

Todavia, fez-se necessário um incremento para que os estudos tomassem maior consistência e completude. Eis que surgiram outros parâmetros para avaliar essa variação, a saber, diageracional, diasssexual. Logo, o método geolinguístico adquire o status de pluridimensional, ou seja, considera outras dimensões da variação que não somente a diatópica, inserindo no contexto de análise o falante e sua identidade, no que diz respeito a aspectos específicos de sua personalidade que possam interferir em suas operações linguísticas.

O projeto ALiB possui alguns objetivos que justificam a sua importância no contexto da produção científica nacional. São estes:

- (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas, (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento; (...) e (iv), por fim mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO; MOTA, 2013, p. 131).

Esses objetivos demonstram o caráter de aplicabilidade da Dialetolegia enquanto ciência, estimulando o diálogo com a nossa realidade social, cultural e linguística, com o entendimento de nossa identidade enquanto falantes do português brasileiro, com uma

gama de pesquisas que favorecem a interdisciplinaridade e, principalmente, com a possibilidade de comprovar que as teorias e os academicismos referentes à variação no ensino da língua materna são extremamente válidos, justificáveis e comprováveis, na prática, na observação dos fatos linguísticos a que estamos sujeitos.

A Dialetoлогия estuda, portanto, com base em diferentes espaços geográficos, a variação em âmbito fonológico, morfossintático, estilístico ou léxico-semântico. Em resumo, como determinadas variantes se comportam em diferentes regiões de nosso país, valendo-se da Geolinguística enquanto método de pesquisa, o que consiste na elaboração de atlas linguísticos que se configuram como um apanhado de cartas linguísticas que fixam os termos variáveis em uma rede de pontos.

Isso resulta em um ensino comprometido com o uso da língua, com a contextualização da gramática, com aspectos não somente engessados, e sim voltados ao pragmatismo de nossas relações sociais e da linguagem enquanto instrumento não de normatização, mas sim de comunicação efetiva. A Dialetoлогия, nesse ponto, é muito útil à prática docente do professor de língua portuguesa, na medida em que favorece o entendimento das dificuldades e das peculiaridades do processo de aprendizagem de seus alunos, fornecendo-lhe instrumentos teórico-práticos para lidar com as situações de preconceito linguístico, um círculo vicioso que, segundo Bagno (2015), compõe-se a partir de três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O início da pesquisa se deu com o fornecimento de dados coletados pelo projeto ALIB, a partir de contato com a pesquisadora e professora Dra. Regiane Coelho Pereira Reis, que, inicialmente, orientou este projeto de iniciação científica voluntária (PIVIC/UFMS). Para levantamento do *corpus* da pesquisa, analisamos dados coletados a partir do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), especificamente os relativos ao campo semântico do corpo humano, no caso, os dados obtidos como resposta para a questão 111: “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30).

É importante mencionar que as coletas foram realizadas pelos pesquisadores do Projeto ALiB em cinco localidades do interior de Mato Grosso do Sul: Coxim, Corumbá, Nioaque, Paranaíba e Ponta Porã, totalizando quatro informantes por localidade, em um total de vinte informantes, divididos igualmente entre sexo e faixa etária. Desse modo, em

cada localidade, foram entrevistados: dois informantes do sexo masculino (faixa etária I: de 18 a 30 anos e faixa etária II: de 45 a 60 anos) e duas informantes do sexo feminino (faixa etária I e II).

O primeiro passo realizado nesta pesquisa foi a leitura de bibliografias básicas para o entendimento das questões léxico-semânticas e dialetológicas abordadas. Para tanto, o estudo pautou-se em teóricos como Coseriu (1965), Biderman (1992, 1998), Cardoso e Mota (2012, 2013), Guérios (1979) e Pietroforte e Lopes (2017), que contribuíram para a construção das análises que serão apresentadas nos próximos itens.

Foram ouvidas as entrevistas cedidas pelo Projeto ALIB e realizadas as transcrições grafemáticas dos dados referentes ao corpo físico. Em seguida, foi feita a tabulação dos dados obtidos e, por conseguinte, o levantamento da produtividade lexical de cada variante em análise.

Na sequência, empreendeu-se a análise geossociolinguística, a partir da produção de gráficos que reproduzem fielmente os critérios diatópico, diassexual e diageracional estudados, e, na continuação, foi realizada a análise léxico-semântica das variantes mais produtivas obtidas para a questão examinada. Ainda, na análise léxico-semântica, discute-se a questão dos tabus linguísticos, com base nos pressupostos fornecidos por Guérios (1979).

Como ponto de partida na seção análise geossociolinguística, serão observados dados da questão 111 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), passando, posteriormente, à análise léxico-semântica.

3 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS

No tocante à Questão 111 do Questionário Léxico-Semântico do Projeto ALIB, “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30), resultou em três variantes: SEIO, PEITO e MAMA, sendo que a resposta mais frequente foi SEIO, seguida por PEITO. A produtividade lexical das ocorrências está registrada no quadro 02.

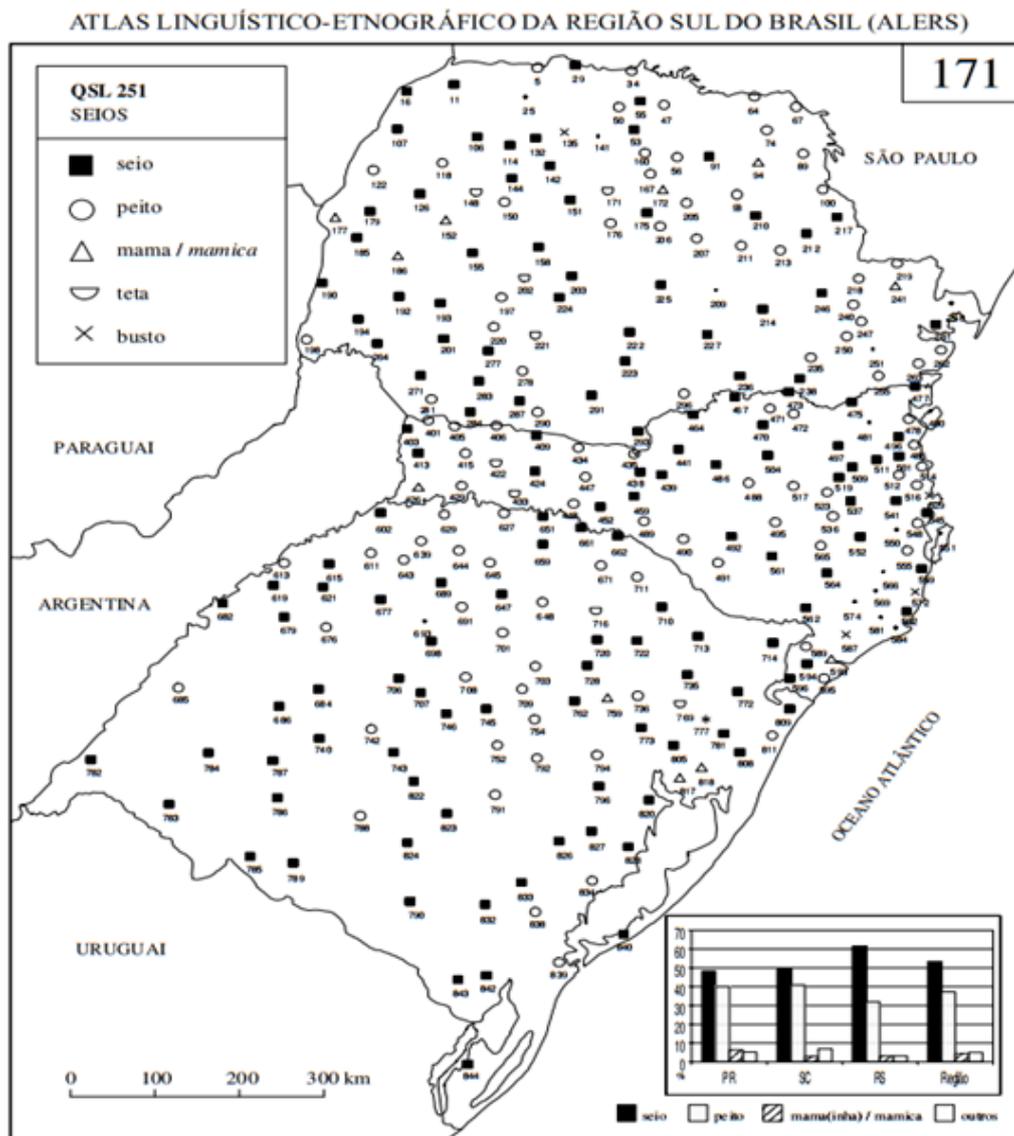
Quadro 02: Produtividade das designações para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”.

Variante	Número de Ocorrências	Produtividade lexical
Seio	16	57%
Peito	11	39%
Mama	1	4%

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do Projeto [ALiB](#).

Ainda são raros estudos dialetológicos que estudam as designações para essa questão semântico-lexical, mas a mesma tendência presenosa dados do estado do Mato Grosso do Sul está presente em dados da década de 1980 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul). Tais dados podem ser sintetizados na próxima carta linguística:

Figura 01 – Designações para SEIO no ALERS



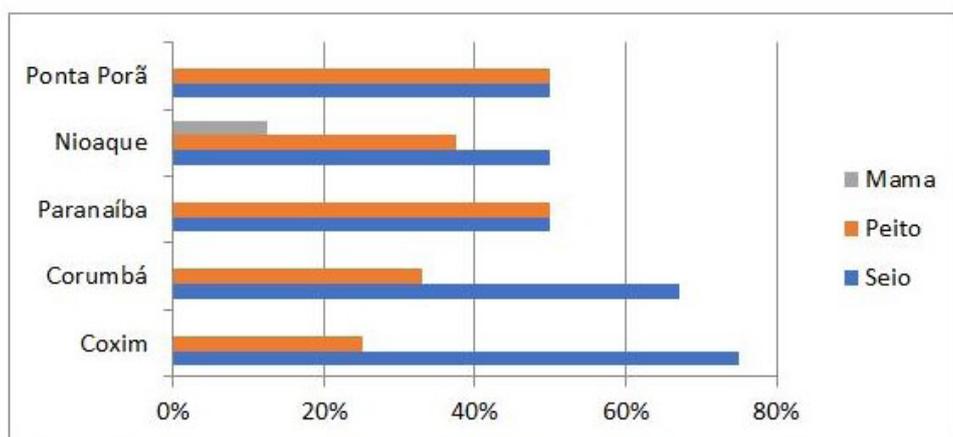
Fonte: Altenhofen *et al.* (2011, p. 427).

Nesse atlas, pode-se perceber a tendência à primazia da variante SEIO tanto na Região Sul em sua totalidade, como em cada um dos estados que a compõem. Em segundo plano, a variante PEITO. Finalmente, com menor ocorrência a variante MAMA. Para além dessas variantes majoritárias, na carta linguística ainda são registradas variantes de

cunho popular não presentes nos dados do ALiB – MS, a saber, MAMICA e TETA, além da variante genérica BUSTO. Acredita-se na hipótese de que a ausência de variantes de cunho popular se deve ao caráter tabuizado do conceito analisado, e isso se dá em dois atlas de épocas distintas, ainda que de regiões geográficas diferentes. Parece haver um padrão na variação lexical desse conceito, com a primazia de termos mais genéricos ou técnicos, que neutralizam a pejoratividade do seu significado. Além disso, há de se levar em consideração a ausência dessas variantes de cunho popular no estado do Mato Grosso do Sul, na designação do conceito analisado. Pode configurar indício de maior grau de conservadorismo nas relações sociais. Tais hipóteses poderão ser comprovada na análise léxico-semântica.

Considerando a variação diatópica, é possível visualizar a produtividade dos designativos no Gráfico 01.

Gráfico 01: Produtividade dos designativos para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, a partir de falantes das cidades do interior do Mato Grosso do Sul, com base nos dados do Projeto ALiB.



Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do projeto ALiB.

Verifica-se, a partir da análise do gráfico 01, que a tendência para designar a “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” é a de se utilizar SEIO nas cidades de Coxim, Corumbá e Nioaque. A unidade lexical PEITO, a segunda mais produtiva, coexiste com SEIO em Ponta Porã e Paranaíba. A variante MAMA foi apresentada apenas na cidade de Nioaque.

Com relação à variável sexo, é interessante mencionar que as escolhas lexicais feitas por homens e por mulheres diferiram consideravelmente no estudo. Pode-se perceber esse fato observando o Quadro 03:

Quadro 03: Produtividade dos designativos para “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, considerando à variação sexual.

Produtividade lexical	Homens	Mulheres
Seio	54%	60%
Peito	46%	33%
Mama	0%	7%

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do Projeto [ALiB](#)

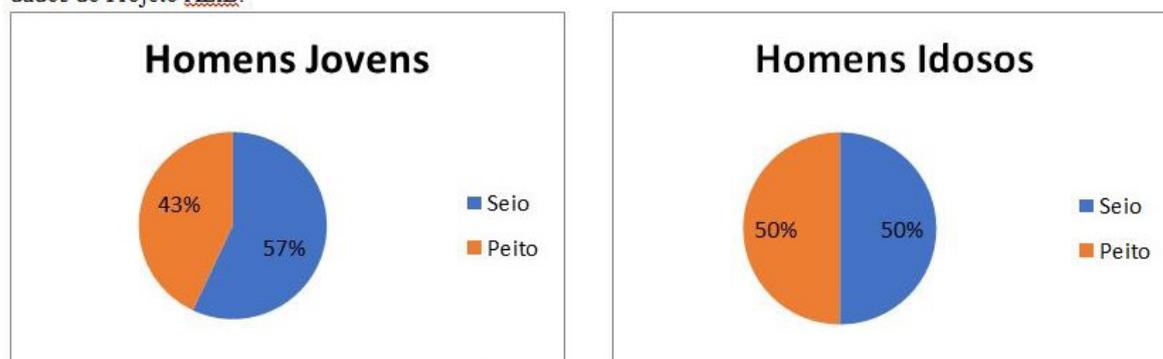
Ao analisar as vinte e oito ocorrências (alguns informantes forneceram mais de uma variante para o referente), distribuídas entre quatro pessoas entrevistadas por localidade, duas do sexo feminino e duas do sexo masculino, nota-se que a tendência foi a maior difusão da variante SEIO. A partir da tabela acima, podemos verificar que a maior parte das mulheres (60%) utiliza SEIO como designação para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”. Também se observa que é de uso restrito feminino no interior do Mato Grosso do Sul a unidade lexical MAMA (7%).

Já entre os homens, a partir da análise das ocorrências, percebe-se que há uma menor diferença percentual entre a utilização de SEIO (54% dos homens) e PEITO (46%), uma variante aparentemente mais popular do que a primeira. Uma possível explicação para a maior utilização de uma variante menos técnica pelos homens é a de que

De acordo com a comunidade, a oposição linguagem do *homem*/linguagem da *mulher* pode determinar diferenças sensíveis, em especial, no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos) (PRETI, 2003, p. 27).

A partir da análise léxico-semântica essa hipótese relacionada ao caráter tabuístico do conceito poderá ser melhor discutida.

Gráfico 02 e 03: Produtividade das variantes SEIO e PEITO – variação diageracional (masculino), com base nos dados do Projeto [ALiB](#).



Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dados do projeto [ALiB](#).

Tendo em vista a dimensão diageracional, nesse estudo verificou-se que, entre os homens mais jovens, é mais recorrente o uso da forma SEIO para “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos”, com 57% de produtividade lexical ante 43% da variante PEITO. Já entre os homens idosos, há uma equivalência entre SEIO e PEITO, como podemos verificar nos gráficos anteriormente explicitados.

Gráfico 04 e 05: Produtividade das variantes SEIO e PEITO - variação diageracional (feminino), com base nos dados do Projeto ALiB.



Fonte: Elaboração dos autores, com base em dados do projeto ALiB.

Entre as mulheres, as mais jovens utilizam, em sua maioria absoluta (71%), a unidade lexical SEIO. Apenas 29% das mulheres jovens utilizaram a variante PEITO para expressar esse conceito. Analisando-se as variantes utilizadas pelas mulheres idosas, percebe-se que se acompanha a tendência lexical das mulheres mais jovens, porém com uma redução da diferença percentual entre o uso das variantes SEIO e PEITO. 50% das mulheres idosas utilizaram a variante SEIO, e apenas 38% utilizaram a unidade PEITO. A variante MAMA foi apresentada exclusivamente por uma mulher idosa, na cidade de Nioaque. Não se pode dizer que a dimensão faixa etária tem relevância para a escolha de uma ou outra variante. Aparentemente, a dimensão do sexo, se tomada isoladamente, parece interferir relativamente mais na escolha de variantes mais populares para designar “a parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” por parte dos homens. Essa hipótese pode ser corroborada pelos próprios dados do ALERS já expostos, visto que os informantes são essencialmente homens rurais, em uma pesquisa advinda da primeira geração de atlas linguísticos brasileiros, na assim chamada Dialectologia Tradicional. Neste atlas, há variantes de cunho popular que não são registradas nos dados do Mato Grosso do Sul da década de 2000, sob a metodologia de uma Dialectologia Urbana e Pluridimensional.

Conclui-se, a partir dos dados analisados, que a unidade SEIO é lexicalmente mais produtiva no léxico dos jovens, em ambos os sexos, e também, em menor escala, no vocabulário de mulheres idosas. A exceção à regra são os homens idosos, em cujo vocabulário coexistem as variantes SEIO e PEITO para designar a “parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, e onde PEITO apresentou maior frequência de uso, dentre os seguintes grupos: homens jovens, mulheres jovens, homens idosos e mulheres idosas. Na continuação, será realizada a análise léxico-semântica das denominações registradas no estudo.

4 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

A análise léxico-semântica teve como base a consulta das unidades léxicas nas diferentes obras: i) dicionários gerais: Caldas Aulete Digital (2006), Michaelis Online (2015), Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa (2008/2020); ii) material específico para terminologias médico-científicas: Manual de Semiologia Médica (PORTO, 2005).

Optou-se por três dicionários digitais e um referente ao corpo físico para examinarmos as variantes lexicais obtidas a partir da pesquisa proposta. Para atingir os objetivos, foram selecionadas apenas as variantes lexicalmente mais produtivas para “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 30). O quadro 04 resume as acepções encontradas nos dicionários consultados.

Quadro 04: Definições dicionarizadas para as variantes estudadas.

Dicionário	Mama	Seio	Peito
Caldas Aulete Digital (2006)	Orgão glandular característico dos mamíferos que nas fêmeas produz leite”, e em outra acepção, “Cada uma das mamas (1) da mulher; PEITO; SEIO”;	O peito da mulher; MAMA: Aconchegou o filho em seu seio. [Tb. se usa no pl.: seios.]	1. Parte do tronco que vai da base do pescoço ao abdômen; TORAX: “Apertou-lhe comovidamente a cabeça contra o peito” (Antônio de Alcântara Machado, <i>Laranja da China</i>) 2. Cada um dos seios da mulher: “Meus peitos, cuja alvura terminavam /Preciosos rubis, patentes foram” (Bocage, <i>Cartas de Olinda a Alcira</i>)
Michaelis Online (2015)	1 ANAT Orgão glandular para secreção do leite, nas fêmeas dos mamíferos; glândula mamária, teta. 2 ANAT Na mulher, cada uma das glândulas mamárias que formam uma protuberância em cada lado da parte anterior do tronco, revestidas de tecido macio e gorduroso; peito, poma, pomo, seio.	Parte do corpo humano onde ficam as mamas; peito, teta. <u>mama</u> , acepção 2.	Cada um dos seios da mulher; poma, pomo, seio, teta: “Nelsinho despiu a cueca, apenas de camisa e sapato. Ela o encarou e, a mão atrás, abriu o sutiã: horrendo peito flácido [...]” (DT).
Priberam Online (2008-2020)	1. Orgão glandular dos mamíferos que segrega o leite, geralmente atrofiado nos machos e <u>secretador</u> de leite na mulher e nas fêmeas dos outros mamíferos. = GLÂNDULA MAMÁRIA, TETA, UBERE. 2. Cada uma das saliências no tórax da mulher, onde se situam as glândulas mamárias. = PEITO, SEIO.	1. Parte do peito onde existem as mamas. = MAMA, PEITO. 2. Cada uma das glândulas mamárias. 3. “Parte do busto que os vestidos decotados deixam a descoberto. = COLO, PEITO.	1. Parte anterior do corpo, entre o pescoço e o estômago, que contém os pulmões e o coração. 2. Seio; teta; mama.

Manual de Semiólogia Médica (2005)	órgãos glandulares pares, situados na parte anterossuperior do tórax, sobre os músculos peitorais, na altura do 3.º e 4.º arcos costais, suscetíveis a estímulos neuro-hormonais e destinados primordialmente à secreção de leite. As mamas são constituídas de pele, tecido adiposo e glândula mamária		
---	---	--	--

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos dicionários consultados.

De acordo com o Quadro 04, o dicionário Aulete Digital (2006) traz o conceito de SEIO como, anatomicamente, “O peito da mulher; MAMA: Aconchegou o filho em seu seio. [Tb. se usa no pl.: seios.]”, ou seja, define por meio da sinonímia com as outras variantes lexicais o que seria essa parte do corpo humano. Anatomicamente, de acordo com o Aulete, PEITO é a “Parte do tronco que vai da base do pescoço ao abdômen; TÓRAX: “Apertou-lhe comovidamente a cabeça contra o peito” (Antônio de Alcântara Machado, Laranja da China)”, ou seja, um conceito muito mais genérico e abrangente, abarcando, e não exatamente conceituando, a “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”. Porém, faz referência, em outro dos significados para o termo, que não o anatômico, a PEITO como sendo a “Parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”, trazendo um exemplo de um diálogo popularesco da Literatura Portuguesa para facilitar a explicação, “Cada um dos seios da mulher: “Meus peitos, cuja alvura terminavam/ Preciosos rubis, patentes foram” (Bocage, Cartas de Olinda a Alzira)”.

Ao recorrer a um exemplo da fala de populares retratada na Literatura, alude ao quanto esse termo é utilizado na oralidade, em contextos menos específicos e técnicos. Anatomicamente, o Aulete (2006) traz o conceito de MAMA como sendo “Órgão glandular característico dos mamíferos que nas fêmeas produz leite”, e em outra acepção, “Cada uma das mamas (1) da mulher; PEITO; SEIO”, novamente em uma relação de sinonímia com as variantes SEIO e PEITO.

O dicionário contemporâneo Michaelis Online (2015) apresenta SEIO como “Parte do corpo humano onde ficam as mamas; peito, teta.” e, em outra acepção, “mama, acepção 2”. Novamente, define-se o conceito por uma relação de sinonímia, acrescentando-se que, na verdade, o SEIO engloba as MAMAS, sendo mais geral que estas.

Da mesma forma que o Aulete Digital (2006), o Michaelis Online (2015) recorre a exemplos de diálogos da Literatura para exemplificar o conceito de PEITO, dado o caráter popularesco deste termo. O dicionário o define como: “Cada um dos seios da mulher; poma, pomo, seio, teta:’ Nelsinho despiu a cueca, apenas de camisa e sapato. Ela o encarou e, a mão atrás, abriu o sutiã: horrendo peito flácido [...]’ (DT).”

Contrastando-se este exemplo com o do Aulete (2006), que é proveniente da Literatura Portuguesa, percebemos que a unidade PEITO é comumente utilizada nas duas vertentes da língua portuguesa (europeia e brasileira) de forma mais coloquial.

As duas definições do Michaelis Online (2015) para MAMAS são:

1. ANAT Órgão glandular para secreção do leite, nas fêmeas dos mamíferos; glândula mamária, teta.
2. ANAT Na mulher, cada uma das glândulas mamárias que formam uma protuberância em cada lado da parte anterior do tronco, revestidas de tecido macio e gorduroso; peito, poma, pomo, seio.

Esse é um conceito específico, novamente ligado a um contexto terminológico taxonômico (da biologia), o qual classifica as diferentes espécies a partir de suas especificidades. Os mamíferos, como é o nosso caso, produzem leite, logo amamentam, essa acepção contempla o proposto pela Questão Semântico-Lexical 111.

No Priberam Online (2008-2020), há, ao menos, três acepções para SEIO. Uma dessas o define figurativamente como “Parte do peito onde existem as mamas. = MAMA, PEITO”, em uma relação de metonímia com MAMAS. Anatomicamente, é atribuída a seguinte acepção: “Cada uma das glândulas mamárias”, ou seja, uma subdivisão para cada uma das glândulas mamárias do corpo humano. Em terceiro sentido, “Parte do busto que os vestidos decotados deixam a descoberto. = COLO, PEITO”, novamente em uma relação metonímica de parte em relação ao todo, em relação a busto.

O Priberam (2008-2020) fornece duas acepções para PEITO. Na primeira, “Parte anterior do corpo, entre o pescoço e o estômago, que contém os pulmões e o coração”, novamente PEITO é definido em contexto muito mais amplo que SEIOS ou MAMAS, como contendo uma diversidade de órgãos alojados. Em sentido segundo, “Seio; teta; mama”, uma definição por sinonímia.

MAMA, segundo o Priberam (2008-2020), é “Órgão glandular dos mamíferos que segrega o leite, geralmente atrofiado nos machos e secretador de leite na mulher e nas fêmeas dos outros mamíferos. = GLÂNDULA MAMÁRIA, TETA, ÚBERE”, novamente o termo mais coerente com a questão 111, pois se refere especificamente à capacidade de aleitamento materno, referida nessa pergunta léxico-semântica. É a designação mais técnica, um hipônimo (termo mais específico) em relação a SEIO e a PEITO. Outro significado para o termo é “Cada uma das saliências no tórax da mulher, onde se situam as glândulas mamárias. = PEITO, SEIO”, um conceito hiperônimo em relação às glândulas mamárias, abarcando-as em contexto mais amplo.

Por sua vez, o Manual de Semiologia Médica, 5ª edição (2005), traz como referente da terminologia médica os termos MAMA, com o seguinte significado: “As mamas são órgãos glandulares pares, situados na parte anterossuperior do tórax, sobre os músculos peitorais, na altura do 3.º e 4.º arcos costais, suscetíveis a estímulos neuro-hormonais e destinados primordialmente à secreção de leite. As mamas são constituídas de pele, tecido adiposo e glândula mamária” (PORTO, 2005, p. 887).

Após a consulta aos dicionários, confirma-se que as denominações mais produtivas no estudo estão dicionarizadas e contemplam o referente solicitado.

Faz-se necessário, também, pensar a questão de esses referentes serem considerados um tabu linguístico. Em nossa perspectiva, está enquadrado como tabu linguístico, se tomarmos por referência Guérios (1979), que identificou em membros do corpo humano o caráter de tabuísmo, tendo em vista que “povos primitivos consideram as partes do corpo humano como seres pessoais e autônomos” (GUÉRIOS, 1979, p. 122). O autor cita vários exemplos de unidades lexicais para membros do corpo humano que são interditas por serem contaminadas semanticamente pela própria interdição do objeto-tabu corpo humano. Um dos casos mais significativos é a superstição do mau-olhado, que, nas línguas europeias (Guérios, 1979, p. 123), visando ser neutralizada, faz que o referente OLHO ganhe novas denominações.

Não é objetivo desse trabalho, fruto de projeto de iniciação científica voluntária, realizar exaustivo estudo acerca das propriedades e das classificações do tabu linguístico, porém se entende, conforme exposto na análise, que o referente “Parte do corpo da mãe com que ela amamenta os filhos” pode ser considerada um tabu pela própria questão dos meios de substituição dos vocábulos, exposta em Guérios (1979). Identificamos que SEIO é variante de caráter generalístico, o que Guérios chamaria de “expressão genérica”, bem como PEITO, sendo ambas, conforme os exemplos expostos nos dicionários analisados, bastante típicas da oralidade, coadunando-se com os dados fornecidos pelos informantes do ALiB. Enquanto isso, MAMA configura-se enquanto termo técnico, da área da Medicina, conforme exposto em Porto (2005). Havendo esta gama de recursos de substituição para o referente técnico-científico que desperta a sensação de sagrado-proibido ou ainda por questões de decência e decoro na fala, podemos comprovar indícios do caráter tabuísmo do referente em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar os dados obtidos nos inquéritos realizados pelo

Projeto ALiB nas cidades do interior do Mato Grosso do Sul que se referem ao léxico do corpo humano. Para tanto, foram examinadas a produtividade das denominações obtidas considerando os critérios diatópico, diasssexual, diageracional e léxico-semântico além de questões relacionadas ao tabu linguístico.

Após a discussão dos dados, verificou-se que as denominações SEIO e PEITO foram, respectivamente, as mais produtivas para nomear “a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos”.

Quanto às questões do tabu linguístico, norteia-se essa análise a partir da proposição de Guérios (1979), dentre os mecanismos possíveis de substituição para palavras que se apresentam tabuizadas. Para este estudo, delimitou-se apenas dois meios de substituição, os vocábulos genéricos ou vagos, e as expressões técnicas/científicas. O que se buscou fazer foi enquadrar as variantes encontradas em um desses dois meios de substituição e de neutralização do tabu em questão.

Quanto às dimensões da variação linguística, constatou-se que, entre os homens mais idosos, é comum a coexistência entre as variantes SEIO e PEITO. Na contramão, a unidade lexical SEIO, que, salvaguardado o caráter de oralidade, é um pouco mais técnica que PEITO, é a mais recorrente entre os homens jovens. Esta última estatística se repete entre as mulheres, tanto as jovens quanto as idosas, que utilizaram, em sua maioria, o vocábulo SEIO, seguido por PEITO e, por fim, a variante MAMA, sendo que esta última, de pouca expressividade no léxico feminino, sequer consta nas respostas fornecidas pelos informantes homens no interior do MS para conceituar as ideias expressas para a questão analisada.

Aferindo-se a produtividade lexical dos termos em análise, percebe-se a primazia da variante SEIO para designar o conceito referente ao QSL 111 do ALiB no interior do estado do Mato Grosso do Sul. A unidade mais genérica PEITO é utilizada em menor escala que SEIO.

Ainda sobre os dados obtidos a partir da questão 111 (QSL/ALiB), observa-se que a forma mais conservadora, SEIO, que por sinal não é a variante encontrada no manual de semiologia médica analisado, é uma variante em constante embate, no âmbito da língua, com a variante PEITO, forma popular, de menos prestígio. MAMA, por sua vez, é a variante mais técnica e científica para o conceito proposto nessa questão, porém não teve uso efetivo nas realizações linguísticas dos informantes desse estudo, no interior do Mato Grosso do Sul, o que demonstra indícios do seu caráter restrito ao uso dicionaresco e à terminologia técnico-científica.

Referências

- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; MERCER, J. L. da V.; MARGOTTI, F. W.; KOCH, W.; VIEIRA, H. G.; FURLAN, O.; AGOSTINI, B. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 2011. v. 1. 960p.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1982 [1920].
- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 28 março 2020.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BIDERMAN, M. T. C. *O léxico, testemunha de uma cultura*. In: Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Románicas. Sessão II: Lexicología e Metalexicografía. Vol.2, 1992, p. 397-405.
- BIDERMAN, M. T. C. *As dimensões da palavra*. Filologia e Lingüística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.
- CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual*. Alfa, São Paulo, 56 (3): 855-870, 2012.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da Geolinguística do Brasil. *Linguística*, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013.
- COELHO, I. L. et al. *Para Conhecer Sociolinguística*. 1. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. (Coleção Para Conhecer Linguística).
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionário Semântico-Lexical, p. 28-31. 2001. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSERIU, E. La Geografía Lingüística. *Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano*, n. 11, 4. ed., Montevideo, 1965.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus Linguísticos*. 2ª ed. Companhia Editora Nacional, 1979.
- MICHAELIS, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos LTDA., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NUNES, J. F.; ISQUERDO, A. N. *Vesgo, zarolho ou estrábico? O que dizem os dados do ALiB das regiões Norte e Sul do Brasil*. In *Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués*. 2017; p. 69-88.

PIETROFORTE, A. S. V.; LOPES, I. C. *Semântica Lexical*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II: Princípios de Análise*. 5. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017; p. 111-136.

PORTO, C. C. *Semiologia Médica*. 5. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2003.

PRIBERAM, *Dicionário da Língua Portuguesa*. [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 28 março 2020.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.



Data de submissão: 30/11/2020

Data de aceite: 18/06/2021